

O QUE APRENDEMOS COM A PANDEMIA COVID-19

Ao longo de décadas ouvimos descrições de pandemias e previsões de que poderiam voltar a ocorrer, mas tudo parecia distante. A pandemia COVID-19 chegou e empurrou-nos rapidamente para essa realidade, fazendo-nos sentir o seu impacto em praticamente todos os aspetos das nossas vidas.

Passados 18 meses, aprendemos que:

- os serviços de saúde e os seus profissionais tiveram uma capacidade de organização e adaptação extraordinárias;
- as populações foram capazes de aderir às medidas não farmacológicas de uma forma notável;
- os serviços de urgência assistiram a uma redução muito importante das observações, tanto na idade adulta como em idade pediátrica, particularmente notada nas doenças infecciosas agudas. Entre as razões para tal encontram-se as medidas não farmacológicas com redução da transmissão de infeções de pessoa a pessoa, o receio de deslocação a serviços de saúde onde poderia ser contraída a infeção por SARS-CoV-2, e o reconhecimento de que o número de profissionais de saúde era limitado dado o seu envolvimento nos cuidados aos doentes com COVID-19;
- a supressão sem precedentes de alguns vírus sazonais como o vírus *influenza* e VSR, ausentes em 2020-21, foi seguida de uma epidemia de VSR fora da época habitual, a que estamos a assistir, alertando para o potencial de grandes epidemias por outros vírus no inverno que se aproxima;
- a redução drástica da prescrição de antimicrobianos no ambulatório foi uma realidade, o que poderá ter impacto positivo na redução das resistências;
- o desenvolvimento de vacinas, a sua produção e a implementação de programas vacinais em massa foram possíveis em menos de um ano;
- as novas plataformas de vacinas funcionam muito bem, com eficácia muito elevada mas surgiram problemas não esperados como a maior reatogenicidade, as trombozes, as miocardites;
- as crianças têm tido, em geral, doença mais ligeira, e são provavelmente menos transmissoras que os adultos, em claro contraste com outros vírus respiratórios;
- o impacto da doença pode ir para além da infeção aguda;
- o encerramento das escolas afetou todas as crianças e adolescentes, mas em particular e em maior escala as que pertencem a famílias desfavorecidas, conduzindo a perturbação do bem-estar psicológico e social, falta de suporte adequado para crianças com necessidades especiais, aumento do risco de obesidade e menor desempenho académico, com potencial impacto na qualidade de vida futura e na longevidade;
- as medidas universais para reduzir a transmissão da infeção tem maior impacto nos mais pobres e agravam as desigualdades;
- a tomada de decisões deve ser baseada na evidência científica;

- o acesso imediato e gratuito à produção científica é muito importante, mas a revisão por pares é fundamental
 - são possíveis novas formas de trabalho, facilitando a interação com colegas noutros países e continentes
 - só a colaboração e uma união global de esforços permitirá ultrapassar esta pandemia
 - as outras doenças não desaparecem e não podem ser deixadas para trás.
- Os desafios são muitos, mas certamente hoje estamos mais preparados para o futuro.**

Fernanda Rodrigues

Diretora do Serviço de Urgência Pediátrica, Hospital Pediátrico - CHUC
Professora Auxiliar Conv. Faculdade de Medicina - Universidade de Coimbra